

*Congresso maiorid*

## Terra sem “bobo”?

Com o poder destruidor das hemorragias internas, todos os dias os jornais publicam cartas de leitores, irritadas sempre, indignadas na maioria das vezes com o que acontece no Congresso Nacional. Motivos não faltam para alimentar o impulso de protestar. O que preocupa é a escalada no tom e no teor das cartas. Como fazer de conta que não foi escrita a carta que pede, sem cerimônias, a autodissolução do Congresso porque este é a “pedra monstro no sapato” do País? Quem, preocupado o mínimo que seja com a saúde das instituições democráticas nacionais, pode deixar de prestar atenção a esse notório recado da sociedade? Não a *civil* — aquela que de tempos em tempos promove movimentados saraus —, mas a “desorganizada”, aquela que um dia Nixon chamou de “maioria silenciosa”...

Listar, lado a lado, grandezas e misérias da atividade parlamentar no Brasil seria tarefa inglória. A memória coletiva sempre estará mais voltada para a segunda parte, em especial pelos seus aspectos sensacionais. Não é nenhuma novidade nem é comportamento exclusivo do povo brasilei-

ro. O problema é que, nos últimos tempos, o Congresso Nacional tem aberto demais à sua guarda, tornando-se mais vulnerável à medida que as misérias aparecem. Sem pudor. Não são só as cenas de fisiologismo explícito que provocam a irritação dos eleitores. Não é apenas o dado estatístico de que o Congresso se auto-remunerou em 1991 com o impressionante salário médio de 108 mínimos/mês, ano em que o País conheceu impressionante queda na atividade econômica, conheceu altos índices de desemprego e viu os bolsões de miséria crescer como nunca. Não é só a semana de três dias de trabalho, que, na maioria das vezes, “viram” dois, que destrói a imagem da instituição. Pior que estas misérias de difícil compreensão popular é a imagem do Congresso em movimento, com o Plenário transformado em ringue, em terra de valentes, onde vigora a lei do mais forte!

Como é possível esquecer que a força dos argumentos foi substituída pelo soco do “machão”, aplicado sem maiores consequências na senhora deputada desprevenida? Ou, o fato desta semana, o soco do

## ESTADO DE SÃO PAULO

parlamentar valente, na faixa dos 30 anos, na testa do deputado sexagenário como “solução” de pendência baiana? O povo, quando vê estes fatos na televisão, que pensará da instituição? E a Mesa, que adotou a política do marido traído que prefere tirar o sofá da sala como solução do adultério? Tudo o que o senador Alexandre Costa, presidente da sessão, determinou foi retirar das notas taquigráficas qualquer menção ao “desentendimento”.

Quando se documentou o tráfico de drogas no Congresso, um experiente deputado pediu tolerância para o fato, porque, enfim, o Congresso era a “cara” do País e o Brasil continha 1% de traficantes que ali estavam representados. É preciso cuidado com esta desculpa porque o que grandes porcentagens do Brasil começam a pensar do Congresso está aparecendo nas cartas dos jornais.

Muitos congressistas costumam fazer “blague” dizendo que a única “coisa” que não há no Congresso é “bobo”. Antiga sabedoria brasileira garantia, no entanto, que esperteza demais sempre come o dono!